

# REFLEXÕES MANICOMIAIS – RESÍDUOS POÉTICOS DE UM PROFISSIONAL DO IPq

*Manicomial reflexions – poetic residues of a Professional of IPq*

**Ledemir Alegre**

Farmacêutico

Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina - IPq

alegrefloripa@hotmail.com

**RESUMO:** A colônia psiquiátrica Santana foi construída em 1941, com 300 leitos. Nos anos de 1960 chegou a ter 2000 internos. Depois foi denominada Hospital e Colônia Santana. A lógica da reforma psiquiátrica mexeu profundamente com a rotina do Hospital que foi jogado no impasse de modernizar-se ou sucumbir. Nos anos de 1990 ficou com um contingente de rejeitados e decidiu guardá-los. A Port. 52 de 20 de janeiro de 2004 do Ministério da Saúde estabeleceu novos padrões para os hospitais psiquiátricos e a Colônia teve que se repensar. O Instituto de Psiquiatria, nome atual, vive o drama do fantasma do passado com seus pacientes-moradores e a incerteza da modernidade. E o futuro pede respostas.

**Palavras-chave:** Psiquiatria. Reforma psiquiátrica. Manicômio. Desinstitucionalização. Colônia Santana.

**ABSTRACT:** The Psychiatric Colony Santana was built in 1941, with 300 beds. In the 1960's grew to 2000 patients. Later it was named Santana Hospital and Colony. The logic of the psychiatric reform deeply interfered with the routine of the hospital that faced the challenge of modernize or perish. In the 1990s the hospital was left with a contingent of rejected patients and decided to keep them in the regime of asylum. In 2004 the Ministry of Health established new standards for psychiatric hospitals and the colony had to rethink itself. The Institute of Psychiatry, its current name, now faces the the ghost of its past embodied in their patients-residents and bringing the uncertainty of modernity. And the future calls for answers.

**Keywords:** Psychiatry. Psychiatric reform. Asylum. Deinstitutionalization. Colônia Santana.

## 1 DA COLÔNIA SANT'ANA (SANTANA) AO INSTITUTO DE PSIQUIATRIA – HISTÓRICO

A Colônia Santana nasceu terra nos anos 40, precisamente no dia 10 de novembro de 1941, com o propósito de ofertar 300 leitos psiquiátricos, no local denominado Distrito de Salto do Imaruim, no município de São José (SC), distante 25 km da capital, Florianópolis.

Sua inauguração foi fruto concupiscente do preconceito e da alegada necessidade de exilar da sociedade os elementos desviantes, delirantes,

loucos no olhar e na ação. Reflita-se que 'desviantes' tem valores temporais: cada tempo escolhe seus desvios. E muitos dos que nem loucos eram internados desviantes foram. Conjunturas da história da humanidade; erros que a própria história justifica. Pois cada tempo tem seus limites e suas limitações: o tempo pensa sua própria época e cega os olhos para o futuro. E isto é comum.

O pragmatismo das sociedades extirpou de sua convivência muitos dos desvios, ora lógicos ora academicamente justificáveis.

A Colônia, adolescente indolente, sob os ares lógicos da medicina virou hospital, Hospital e Colônia Santana, aparentemente moderna e contemporânea. Então inchou e chegou a mais de 2000 internos nos anos 60.

A lógica dominante, nem sempre de má fé, era excluir para preservar a ordem vigente, e a integridade do doente. Isto também era comum. A adolescência atira-se na vida sem culpa. E isto não é errado, é uma condição de época.

Nos anos 1960 a Europa, e especialmente com Franco Basaglia, lança a moda de desfazer a loucura. E isto era loucura para a época, mas era lógico para os academicamente justificantes. Como podem pensar em desconstruir o conceito de loucura? Pois os desviantes ainda reafirmavam nos olhos e nas ações os seus trejeitos.

Como diz Amarante (2009: 48) em seu texto Reforma Psiquiátrica e Epistemologia:

A psiquiatria colocou o sujeito entre parênteses para ocupar-se da doença; para Basaglia a doença deveria ser colocada entre parênteses para que pudéssemos ocupar-nos do sujeito em sua experiência. Colocar a doença entre parênteses não significa a sua negação; a negação se existe algo que possa produzir dor, sofrimento ou mal-estar. Significa a recusa à explicação psiquiátrica; à capacidade de a psiquiatria dar conta do fenômeno com a simples nomeação abstrata de doença. A doença entre parênteses é, ao mesmo tempo, a denúncia social e política da exclusão, e ruptura epistemológica com o saber naturalístico da psiquiatria.

Os dos 'sim' e os dos 'não' combateram-se terrivelmente. E como que em surto social os antimanicomiais eram apontados como 'loucos', que como

loucos deveriam ser descredenciados da sociedade, combatidos e execrados, quiçá, internados.

Mas a sociedade evolui e os novos ares acariciam os acadêmicos dos pensamentos normatizadores dos manicômios e os dos intelectuais da loucura.

O Hospital Colônia Santana era já jovem maduro super carregado de diagnósticos. Pobre ingênuo manicômio, inocente em seu purismo, assistiu o embate dos *prós* e dos *anti*. Cresceu nesta contradição, expurgou alguns males, saiu o eletro choque, as celas e as amarras. Sua *persona* viu-se fragmentada, desqualificada. Era mais um mito de terror do que um hospital. Todo catarinense sabe o significado de 'Colônia Santana'.

Sua função era armazenar seres humanos, desumanizados, despersonalizados, desorientados, andando em círculos dentro de um salão. Seu nome não era João, nem Sebastião: e se seu nome fosse Raimundo seria uma rima, mas não uma condição.

A Reforma Psiquiátrica proposta pelo pensamento moderno deixou marcas, mas não criou soluções. Pois soluções são frutos do tempo, temporariamente válidas para problemas sincrônicos. O Hospital Colônia Santana formou-se adulto como guardador de gente; seria sua nobre missão guardar os enfeitados, assistir aos rejeitados do processo de produção – improdutivo és, nulo serás! Era a solução que cabia na luva da mão.

E este manicômio foi nadificando, traçando seu destino. Exercendo sua missão de nadificar ainda mais os nadas que sobraram da peneira antimanicomial dos entes de boa fé que não pensaram solução para nada, pois nada precisa ser pensado quando o tempo nada propõe de novo. Os profissionais esqueceram; os governantes esqueceram: era cômodo esquecer um problema esquecido.

E em 1995, já no ímpeto das políticas da Reforma Psiquiátrica do Ministério da Saúde, o Senhor Hospital Colônia Santana, com quase 1000 internos, foi chocado em sua nova contradição: se guardas gentes, debes guardá-las com qualidade. E tu estás desqualificado, meu Senhor! Disse o Ministério da Saúde com rigor de auditoria. Que crise existencial viveu o Sr. Hospital Colônia Santana nestes dias. – Por que serei eu tão ruim em minha missão? Nego tal desqualificação: serei bom guardador, vou melhorar minha

assistência, vou lutar por meu nome. Tenho um nome a zelar!! Como guardador me defino, refletiu o hospital consigo mesmo.

Qualificar-se ou qualificar-se: eis a questão! Sucumbir ou ...

E este senhor escolheu sobreviver no intuito de ser um bom guardador de gentes, mesmo que nada fossem. Sua personalidade de guardador imbuiu-se do supremo dever de ser melhor do que fora na tarefa até então. – Tu deves ser bom com teus nada, pois tu só te justificas como guardador. Senão, também nada serás! Assim falava sua reflexão, auto-justificativa.

Neste momento da história, e da idade avançada, quiçá resignado, a única possibilidade de não ser mais um nada era afirmar-se num projeto de ser para o futuro um qualificado guardador. Que conforto existencial é encontrar uma missão maior sob a qual se acobertar. E este senhor cindiu suas contradições. De um virou dois: Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina (IPq), onde haveria as internações de casos agudos, e Centro de Convivência Santana (CCS), onde morariam os abandonados pela sociedade. Modernizou seu discurso como Instituto, quase um título de anti-senilidade. E sucumbiu ao passado demonstrando carinho no Centro de Convivência Santana. Talvez tudo não passasse de disfarce, ou tentativa de catarse. Sabe-se lá, os seres são mesmo contraditórios em essência.

E este já resignado hospital sentiu-se confortável em sua nova missão moral, ética e profissional de guardar seus nada como tesouros nadificados da história. Um nada limpo e lustroso é muito mais nada do que um nada fora daqui. A idade que chega madura reduz os aceites das novidades; - O meu nada me é confortável. Talvez reflita o velho hospital psiquiátrico.

E não muito distante o pobre senhor Instituto, Colônia Santana para os íntimos, viu-se mais uma vez chocado em sua mal fadada missão, projeto único existencial jogado no vazio:

- Agora tu não deves mais guardar. Agora tu deves soltar teus nada, para que estes nada sejam novamente gentes que outrora esquecidos foram, diz a história madura e incisiva, cortante como navalha; e como na carne a navalha objetiva da política de Saúde Mental do Ministério da Saúde engole a saliva. Determina-se a progressiva desinstitucionalização, conforme a Portaria nº 52, de 20 de janeiro de 2004, do Ministério da Saúde, Gabinete do Ministro.

A crise existencial que por ora havia superado ressurgiu no âmago de seu ser: - Tudo que sou é ser guardador, como posso desfazer-me de meus guardados? Meus guardados são minha essência. Se abdicar de guardar, desisto de ser o que sou, reflete o velho manicômio.

As contradições da personalidade humana geram a destruição ou a superação de si.

O homem é uma corda, atada entre o animal e o além-do-homem – uma corda sobre o abismo. Perigosa travessia, perigoso o caminho, perigoso olhar-para-trás, perigoso arrepiar-se e parar. O que é grande no homem, é que ele é uma ponte e não um fim: o que pode ser amado no homem, é que ele é um passar e um sucumbir (NIETZSCHE, 1983: 227).

O homem é um eterno vir a ser, um projeto inacabado do futuro.

A grande contradição deste ancião manicômio é a despersonalização dos seus agentes de serviço. Seus profissionais, técnicos ou operacionais, fundem-se no discurso nadificador da prestação do suposto bom serviço, e vivem na tarefa o objetivo de seu projeto terapêutico. E, não conseguindo executar satisfatoriamente a tarefa, perdem o alcance da própria proposta terapêutica, perdendo o fio da meada de sua própria história cheia de contradições - não se apropria do momento e é traído por sua boa fé de executor de tarefas. Ora culpa-se pela ineficiência de sua ação terapêutica, ora culpa o outro, como se inimigos fossem. E como se fossem inimigos da história culpam-se a si mesmos por não ultrapassá-la. Uns defendendo o passado, outros atirando-se nas incertezas do futuro. Há ainda os que confundem marasmo com segurança.

Este senhor com rugas na cara tem agora que olhar-se no espelho e escolher como projeto de vida a auto-desconstrução de seus objetivos. A suprema dor de desfazer-se de si mesmo, desnadificando seu colar de pérolas – *Espelho espelho meu, haverá alguém mais contraditório do que eu?* Sim, não é confortável escolher ser eficiente na própria missão de desconstruir-se. Mas neste caso não é suicídio, é escolher uma nova vida!

O momento é outro: passou-se o tempo da missão de guardar. Esta missão a história também vai perdoar. O futuro não perdoará insistir na não

superação deste momento. E o desconforto continuará agulhando a consciência. Pois ter consciência gera alguma dor.

Senhor Hospital Colônia Santana, Instituto para os de fora, com todo o respeito que lhe devemos: seu tempo de guardar acabou. Sua missão de guardador a história já ultrapassou. Deixe seus nadas virarem gente. Sua nova missão é gentificar seus nadas e despedir-se deles com a serenidade da sabedoria.

O poeta Gibran Khalil Gibran afirma:

Vossos filhos não são vossos filhos. São os filhos da ânsia da vida por si mesma. Vem através de vós, mas não de vós. E embora vivam convosco, não vos pertencem. Podeis outorgar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos, porque eles têm seus próprios pensamentos. Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas; pois suas almas moram na manhã do amanhã, que vós não podeis visitar nem mesmo em sonhos. Podeis esforçar-vos por ser como eles, mas não procureis fazê-los como vós, porque a vida não anda para trás e não se demora com os dias passados. (GIBRAN, 1973: 11-12)

... E sensibilidade de poeta é indiscutível.

Sim, não adianta aprisionar-se no seu passado, qualifique-se na história despedindo-se da missão de manicômio. Qualifique-se desconstruindo-se.

Agora é hora de recontar a história. Ultrapasse a si mesmo, e honre seu compromisso com a história da Saúde Mental de Santa Catarina. Pois, cada tempo tem seus limites e limitações: o tempo pensa sua própria época. E isto é normal.

Novas palavras assombram os velhos textos. O Instituto de Psiquiatria continua escrevendo sua história. Seguindo a Portaria nº 52, de 20 de janeiro de 2004, do Ministério da Saúde, que institui o Programa Anual de Reestruturação da Assistência Psiquiátrica Hospitalar no SUS e normatiza a reestruturação dos hospitais psiquiátricos, o Centro de Convivência Santana, parte do Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina - IPq, deve viabilizar 40 altas anuais até que seus moradores sejam totalmente repassados para um modelo extra-hospitalar municipal fundado principalmente no conceito de Serviços Residenciais Terapêuticos e Centros de Atenção Psicossocial. O IPq,

permanecerá com no máximo 160 leitos psiquiátricos destinados à atenção de quadros agudos, com altas breves para a rede extra-hospitalar.

A história não se repete, mas os homens devem guardá-la para não repetirem-se em novos erros.

Eu prefiro ser esta metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo, disse o grande maluco beleza.

## REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. **Reforma psiquiátrica e epistemologia**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

AMARANTE, P. (Coord). **Saúde mental, políticas e instituições: programa de educação a distância**. Rio de Janeiro: FIOTEC/FIOCRUZ, EAD/FIOCRUZ, 2003.

BRASIL. **Portaria Nº 52/GM de 20 de janeiro de 2004**, do Ministério da Saúde, Gabinete do Ministro. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

GIBRAN, GK..**O profeta**. Trad. Mansour challita. Rio de Janeiro: Acigi, 1973.

NIETZSCHE, FW. **Os Pensadores. Obras incompletas**. Seleção de textos de Gérard Lebrun. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

Recebido em: 20/07/2012

Aceito em: 14/08/2012